

a chama



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

**INCLUSÃO E
DIVERSIDADE
NO COLÉGIO**

VAMOS AO CARAÇA?

A Associação de Pais e Mestres promove, todo ano, uma excursão ao Santuário do Caraça, local de rara beleza e tranquilidade, que muitos Pais já conhecem por intermédio dos Filhos.

A viagem será feita entre os dias 12 a 14 de outubro, saindo do Colégio na noite de quinta-feira, dia 11, e chegando na manhã de segunda-feira, dia 15.

As inscrições podem ser feitas a partir de 4 de junho, das 8h às 13h30, na sala da APM, atrás da cantina. São apenas 44 vagas disponíveis, que serão preenchidas por ordem de inscrição.

O pagamento poderá ser dividido em 3 ou 4 parcelas. Os preços variam de acordo com a idade e a acomodação.

Mais informações com nosso secretário, Edevino Panizzi, pelos telefones 3235-2913 ou 3235-2900 ramal 2101.

a chama

Revista editada pela
**Associação de Pais e Mestres do
Colégio São Vicente de Paulo**

Ano XLV Nº 98
Maio/ 2018

Supervisão Editorial
Pe. Maurício Paulinelli, Marlene Duarte e
Carolina Ebel

Reportagem e Edição de Textos
Rosa Lima

Revisão
Pe. Maurício Paulinelli, Marlene Duarte e
Carolina Ebel

Projeto Gráfico e Produção Editorial
Christina Barcellos

Fotos
Pe. Lauro Palú, arquivo CSVP, Simone
Fuss, divulgação TETO, arquivo SVAC,
Renata Azevedo, João Faissal, Anette
Alencar, Cacau Marçal, Carolina Ebel,
Marina Stampa, Luiza Freitas, João
Luiz Oliveira e Christina Barcellos

Distribuição interna e venda proibida

Tiragem
2 mil exemplares

Jornalista Responsável
Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM

Diretora Presidente
Simone Fuss Maia da Silva

Diretor Vice-Presidente
Carlos Machado de Freitas

Diretora Secretária
Sílvia Braña Lopez

Diretora Tesoureira
Renata Gorges Rocha Guimarães

Diretora Social
Marlene Martins Duarte

Representante dos Professores
Ivone Vieira

Assistente Eclesiástico
Pe. Agnaldo Aparecido de Paula

Conselho Fiscal
Natália França Ourique, Carolina Ebel
de Ribeiro Lopes, Vania Etinger de
Araujo, Hércio França Alvim Filho,
Neuza Carla Miklos Pereira, Cláudia
Regina de Moura Duarte

Secretário da APM
Edevino Panizzi

Rua Cosme Velho, 241
Cosme Velho - Rio de Janeiro
RJ - CEP 22241-125
Tel. (21) 3235-2900
revistachama@csvp.g12.br

2 **CAPA**
PROGRAMA DE INCLUSÃO:
RESPEITO ÀS DIFERENÇAS

6 **APM**
O QUE OS LEITORES
PENSAM DE "A CHAMA"

8 **COMO SE FAZ**
AGÊNCIAS DE CRIAÇÃO
DÃO PROTAGONISMO
AOS ALUNOS

10 **EXTRACLASSE**
OFICINA TRANSFORMA
SUCATA EM BRINQUEDOS

12 **ONTEM E HOJE**

14 **AÇÃO SOCIAL**
CSVP E ONG TETO
FIRMAM PARCERIA

16 **TRANSFORMADORA
SOCIAL**
AISHA JACOB: NÃO É NÃO!

18 **AÇÃO PEDAGÓGICA**
A VIRTUDE VICENTINA
DO ZELO

20 **COMUNIDADE**
VOLUNTÁRIAS DA
CARIDADE: EM BUSCA DE
NOVAS INTEGRANTES

21 **NOTAS**

NOTA DA REDAÇÃO

A capa da edição passada foi muito elogiada. Os desenhos das famílias, lindos e divertidos, foram feitos pelos Alunos do 3º EF na aula de Ensino Religioso, do Prof. Cristiano, a quem ficamos devendo os créditos e os agradecimentos.

CARO LEITOR

Neste primeiro número de 2018, trazemos para vocês um assunto que nos é muito caro: a inclusão. Desde o ano passado, o Serviço de Orientação Educacional (SOE), juntamente com a Coordenação Acadêmica da escola vem sistematizando os preceitos da educação inclusiva, que se traduziram no documento Programa de Inclusão do São Vicente. Você poderá saber mais sobre ele na nossa reportagem de capa desta edição. Pensando na importância do tema, a Associação de Pais e Mestres formou um grupo de trabalho específico sobre o assunto e promoverá, nos próximos meses, rodas de conversa, bem como outras ações.

Nesta edição, trazemos também mudanças no projeto gráfico da revista, com o objetivo de deixá-la mais leve e, ao mesmo tempo, responder aos anseios refletidos na pesquisa que fizemos com vocês recentemente. Ficamos felizes em saber que a maior parte dos nossos leitores gosta e lê A Chama e queremos estar cada vez mais próximos de vocês.

É isso, pessoal. Não se esqueçam de mandar suas contribuições, trazendo ideias e sugestões para enriquecer nosso trabalho. Nosso e-mail é revistachama@csvp.g12.br.

Obrigada e boa leitura!

Simone Fuss
Presidente da APM

ESCOLA, LUGAR DE DIFERENÇAS

CSVP cria Programa de Inclusão visando assegurar respeito às individualidades e oportunidades educativas iguais a todos os Alunos

TDA - HIPERATIVIDADE

DIFICULDADE DE ATENÇÃO EM UMA ÚNICA ATIVIDADE, DE SEGUIR INSTRUÇÕES E FINALIZAR TAREFAS

Celebrar a diversidade, acolher a todos, sem preconceitos ou discriminações. Valorizar o pertencimento, as diferenças e a busca de uma cidadania ativa em prol de uma vida de qualidade para todos. Desde o ano passado, esses preceitos básicos da educação inclusiva vêm sendo sistematizados e consolidados no São Vicente, com o objetivo de tornar o Colégio um espaço inclusivo para toda a Comunidade Escolar.

Guiado pelo Projeto Político Pedagógico e embasado nas novas legislações sobre o tema, foi criado o Programa de Inclusão, de forma a assegurar a igualdade de oportunidades educativas a todos os Estudantes, tendo em conta suas potencialidades e especificidades, de maneira a proporcionar o espaço para o desenvolvimento integral de cada um.

Trata-se de um programa que visa acolher e integrar os chamados Alunos em situação de inclusão, que vivenciam necessidades, síndromes e transtornos diversos e, por conseguinte, exigem modificações nas estratégias de ensino que lhes possibilitem a aprendizagem e o desenvolvimento pleno.

“Nossa missão é, em primeiro lugar, receber e acolher os Alunos, independentemente das dificuldades que apresentem. A capacitação de todos os Educadores é oferecida na Formação Continuada e nos contatos diários”, diz a Coordenadora Acadêmica Maria Alice Azevedo de Sá. Junto à

DISLEXIA

DIFICULDADE ESPECÍFICA DE LEITURA, NA HABILIDADE DE DECODIFICAÇÃO, E SOLETRAÇÃO

APRAXIA DA FALA

DIFICULDADE DO CÉREBRO DE PLANEJAR OS MOVIMENTOS FACIAIS NECESSÁRIOS PARA A FALA

TRANSTORNO DE ANSIEDADE

SENTIMENTO EXAGERADO DE MEDO E APREENSÃO EM RELAÇÃO AO DESCONHECIDO E PERIGOS. DIFICULDADE DE RESPIRAR, INQUIETUDE E TAQUICARDIA

DISCALCULIA

DIFICULDADE EM LIDAR COM CONCEITOS E SÍMBOLOS MATEMÁTICOS

DISLALIA

DIFICULDADE NA FALA. EM ARTICULAR AS PALAVRAS. OMISSÃO, SUBSTITUIÇÃO OU DEFORMAÇÃO DOS FONEMAS

DEPRESSÃO

TRANSTORNO QUE AFETA NEGATIVAMENTE COMO SE SENTE, PENSA E AGE. PERDA DE INTERESSE, DE PRAZER E ENERGIA

equipe do Serviço de Orientação Educacional (SOE), ela está à frente da formulação e implantação das ações propostas no Programa de Inclusão do São Vicente.

Planilha de situações

A primeira providência tomada por esse grupo foi fazer um levantamento de todos os casos e situações encontradas no Colégio e montar uma planilha que servisse de material de referência para a construção de estratégias de inclusão. A partir dessa planilha, foi criado um material de apoio intitulado “Compreender para melhor Educar”, entregue a todos os Colaboradores que lidam com os Alunos: dos funcionários da limpeza e da cantina aos Orientadores Educacionais, passando pelos Professores e Inspetores.

Ele traz, em primeiro lugar, a visão que o Colégio tem de inclusão, para se ter um entendimento comum, evitar situações constrangedoras e manter um olhar de acolhimento a este Aluno”, explica Maria Alice.

Todos os transtornos e síndromes observados são apresentados nesse material, com suas características, sintomas, possíveis consequências e orientações de como trabalhar com eles. Há situações específicas de dificuldade de aprendizagem (seja na leitura, na escrita, na articulação de palavras, no trato com símbolos matemáticos, na comunicação ou na atenção); dificuldades psicossociais (ansiedade, depressão, dependência química, transtornos alimentares); transtornos não-verbais e do espectro autista, dentre outras.

Segundo Maria Alice Sá, são situações que já existiam anteriormente, mas sobre as quais se tinha pouco conhecimento. “Antes, essas questões eram ‘escondidas’ por medo, vergonha, preconceito ou as situações não eram percebidas por falta de consciência e conhecimento sobre o tema. No caso de síndromes, havia uma orientação de segregar essas pessoas e colocá-las em escolas especiais”, diz.

Convivência na diversidade

Hoje, os estudos nesse campo avançaram muito, existe uma compreensão maior desse universo e um consenso sobre a importância da convivência na diversidade. “A socialização com os Alunos em situação de inclusão engrandece o aprendizado e a vivência de todos. Quanto maior o olhar humano, o respeito pelo que é diverso, a visão holística para a inclusão, mais ricos nos tornamos”, afirma Maria Alice, que é pós-graduada em Psicopedagogia, com mestrado em educação inclusiva.

DISORTOGRAFIA

DIFICULDADE DE APRENDER E DESENVOLVER AS HABILIDADES DA LINGUAGEM ESCRITA. DIFICULDADE NA ORTOGRAFIA, GRAMÁTICA E REDAÇÃO

TRANSTORNOS ALIMENTARES

MEDO EXCESSIVO DE ENGORDAR. ANOREXIA NERVOSA - RECUSA ALIMENTAR. BULIMIA NERVOSA - INDUÇÃO AO VÔMITO

RECUPERAÇÃO/ DROGAS

DEPENDÊNCIA QUÍMICA DESENVOLVIDA APÓS USO REPETIDO DE DETERMINADA SUBSTÂNCIA PSICOATIVA

AUTISMO

DESAFIOS NAS ÁREAS DA LINGUAGEM, COMUNICAÇÃO, SOCIALIZAÇÃO, APRENDIZAGEM EM DIFERENTES FORMAS

SÍNDROME DE ASPERGER

DIFICULDADES DE COMUNICAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO. HABILIDADE EM ALGUMAS ÁREAS, MEMÓRIA ACIMA DA MÉDIA, COMPORTAMENTO REPETITIVO E INTERESSES FIXOS

Além dela, a equipe responsável pelo Programa de Inclusão conta com seis profissionais do SOE, entre psicólogos e psicopedagogos, mais dois estagiários. Trata-se de um grupo em permanente capacitação, com especializações e mestrados na área e participação em encontros, congressos e seminários que os embasam para melhor lidar com essas situações.

O Colégio tem ainda o cuidado de estar em contato com toda a equipe que acompanha essa Criança ou Adolescente fora da escola, como a família, psicoterapeutas e neurologistas.

Cada Aluno em situação de inclusão tem uma pasta própria, contendo o seu histórico completo, com laudos, entrevistas registradas e os acompanhamentos com os Professores, realizados sistematicamente nas reuniões de formação continuada.

Nessas reuniões, também são construídos coletivamente os Planos de Educação Individual (PEIs) e as avaliações adaptadas, para servir de referência para os trabalhos com o Aluno em situação de inclusão e que tenha dificuldades acentuadas de aprendizado.

“Privilegiamos sempre o indivíduo. Os cuidados variam de acordo com cada caso. O mais importante é o dia a dia, o olhar, a escuta, o diálogo com esse Aluno. Não se pode engessar essa relação, que não é fixa nem estável. A neurociência nos ensina a importância da plasticidade cerebral. O cérebro está em permanente mudança. Temos

que estar atentos aos possíveis insights. Ajudá-lo, mas não o tolher, dificultando o enfrentamento dos desafios tão necessários para o seu desenvolvimento, tendo sempre o cuidado de não superproteger ou fazer o Aluno sentir-se diferente dos demais”, conclui Maria Alice.

“QUANTO MAIOR O OLHAR HUMANO, O RESPEITO PELO QUE É DIVERSO, A VISÃO HOLÍSTICA PARA A INCLUSÃO, MAIS RICOS NOS TORNAMOS.”

MARIA ALICE AZEVEDO DE SÁ
COORDENADORA ACADÊMICA

SÍNDROME DE IRLÉN

ALTERAÇÃO VISIO-PERCEPTUAL QUE RESULTA EM DIFICULDADE NO PROCESSAMENTO DA PERCEÇÃO E NO PROCESSAMENTO DA INFORMAÇÃO VISUAL

TRANSTORNO NÃO-VERBAL

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM. TRANSTORNO AFETA A COORDENAÇÃO MOTORA, COGNIÇÃO, APRENDIZADO DA ARITMÉTICA E HABILIDADES SOCIAIS

COMO NOS REFERIMOS AOS ALUNOS COM DIFICULDADES?*

No Brasil, o termo oficial utilizado no âmbito da educação para se referir aos Alunos com dificuldades é “Alunos com necessidades educativas especiais” e em âmbito geral “pessoa com deficiência”. Não se utiliza mais termos como “portador de deficiência” ou “portador de necessidades especiais” e “pessoa deficiente”.

No entanto, sabendo que as palavras marcam de forma significativa as relações, precisamos pensar se esses termos comunicam o que acreditamos sobre os Alunos. Essa categoria de “especial” e o termo “Aluno de inclusão” são excludentes, colocando os Alunos fora do coletivo, engessando-os nessas categorias.

O termo utilizado, entre outros profissionais, pela psicanalista Cíntia Freller (2006), “Aluno em situação de inclusão”, nos parece a forma mais apropriada de nos referir a esses Alunos, entendendo a inclusão como um local de passagem.

“(…) utilizamos o termo Aluno em situação de inclusão, apontando para o trabalho que nos cabe (...): movimentar a situação dos Alunos excluídos. Os Alunos não são de inclusão indefinidamente, (...), mas estão em uma situação que demanda trabalho para se modificar, um lugar de passagem” (FRELLER, 2006, p.329).

Assim, alguns Alunos podem estar passando por um momento mais complicado que exige modificações nas estratégias de ensino, adentrando então o campo da inclusão; outro pode estar em situação de inclusão em uma matéria e não em outra, pois o encontro ou desencontro numa determinada aula ou disciplina não possibilitou o seu aprendizado. Portanto, estar em situação de inclusão tem a ver com o ‘encontro’ entre o Aluno e as formas de ensino da escola, o contexto e as condições em que as relações são nela estabelecidas.



As telas de proteção colocadas nas janelas fazem parte do Programa de Inclusão

Orientações gerais de como apoiar os Alunos considerados ‘em situação de inclusão’

- Trabalhar com a turma o respeito às diferenças;
- Valorizar o esforço do estudante;
- Minimizar o medo de cometer erros;
- Evitar mostrar impaciência com dificuldade expressada pelo Aluno ou interrompê-lo várias vezes; ou mesmo, tentar adivinhar o que ele quer dizer completando a sua fala;
- Evitar corrigir o Aluno frequentemente diante da turma, para não o expor a constrangimentos;
- Evitar forçar o Aluno a fazer as tarefas quando estiver nervoso por não ter conseguido;
- Elogiar atitudes positivas;
- Utilizar estímulos visuais, auditivos e práticos;
- Praticar o diálogo e a reflexão.

*Do Material de Apoio para Situações de Inclusão, organizado pela equipe do SOE

COM A PALAVRA, OS LEITORES

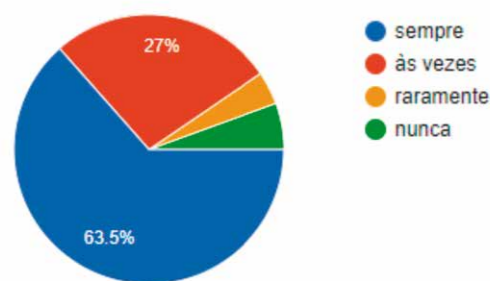
Pesquisa mostra como a Comunidade Escolar se relaciona com *A Chama* e aponta caminhos para o futuro da revista

A maioria dos leitores de *A Chama* gosta da revista, costuma ler sempre a versão impressa e a considera um importante veículo de comunicação.

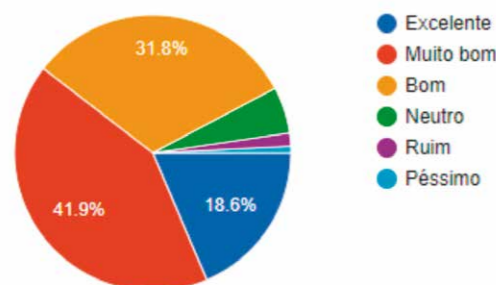
Essas foram algumas das conclusões apontadas pela pesquisa da Associação de Pais e Mestres sobre a revista, que registra os acontecimentos do Colégio São Vicente de Paulo.

A enquete foi elaborada de forma coletiva e colaborativa pela diretoria da APM, que a disponibilizou via circular para os Pais e Responsáveis e também através do espaço da Associação no site da Escola. Foi lançada em dezembro de 2017 e encerrada em março de 2018.

Você costuma ler a Revista *A Chama* impressa?



Como você avalia o conteúdo da Revista?



“Como parte de nosso objetivo de estar mais próximos dos Pais, Mães e Responsáveis do Colégio e fazer uma gestão mais participativa, a ideia foi ouvir a comunidade escolar, entender melhor como ela se relaciona com a revista, o que gostaria de ver refletido na publicação e que outros caminhos poderíamos seguir”, disse Marlene Duarte, da Diretoria Social da APM.

Em sua maioria, a pesquisa foi respondida por Pais, Mães e Responsáveis da comunidade escolar. Foram 129 respostas no total, dos quais 94,6% pertencem a esse grupo.

De uma maneira geral, a avaliação da revista por parte do seu público foi bem positiva. Dos respondentes da pesquisa, 92,2% a consideram um importante meio de comunicação; 85,3% gostam da revista; 60,5% avaliam seu conteúdo como excelente ou muito bom, enquanto 31,8% o consideram bom; e 58,9% disseram que a revista é lida também por outras pessoas da casa além do próprio respondente.

Revista em papel

A preferência dos leitores é pela publicação impressa: 63,5% costumam ler sempre a revista em papel, e 27% lêem às vezes. Já a versão online de *A Chama*, publicada no site do Colégio, ainda é bem pouco lida: 75,4% disseram nunca ler a revista pela internet, enquanto 13,5% raramente o fazem. Quando perguntados se a revista online substituiria a impressa, 56,6% responderam que não e 23,3% disseram “não sei”.

Cerca de 87% dos que responderam a pesquisa gostam do conteúdo e da forma de *A Chama* e estão satisfeitos com a quantidade e o tamanho das matérias publicadas, bem como com a variedade de assuntos e o formato da revista. A grande maioria lê a revista toda.

A partir da pesquisa, a Associação de Pais e Mestres, responsável pela publicação, decidiu promover uma mudança gráfica na *A Chama*, já iniciada nesta edição, que ganhou mais leveza e frescor. Uma parte considerável dos respondentes afirmou que gostaria que a periodicidade da revista fosse de quatro edições por ano, ao contrário das três edições que costumamos publicar, e a Diretoria da APM vai avaliar a possibilidade de fazer essa mudança.

“Também vamos buscar contemplar algumas das sugestões apontadas como, por exemplo, mais reportagens que mostrem projetos realizados por Alunos e projetos sociais do Colégio. Vamos tentar também ser ainda mais abrangentes na abordagem, buscando trazer o maior número possível de assuntos, matérias, reportagens, notas sobre o que acontece na Escola”, adiantou Marlene Duarte, Diretora Social da APM.



APOSTANDO NO DIÁLOGO

Associação de Pais e Mestres faz sua primeira assembleia com Pais e Responsáveis de modo a ampliar os canais de comunicação

Desde que assumiu a frente da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente, há um ano, a atual Diretoria da entidade vem fazendo vários movimentos na direção de se aproximar mais dos Pais e Responsáveis pelos Alunos. Foi assim nas consultas sobre temas e prioridades realizadas nas atividades presenciais, como a Feira de Cultura e Compromisso Social, e também nas consultas online sobre assuntos específicos, como as fotos para recordação e a percepção que os leitores têm da revista *A Chama*.

Seguindo nesta mesma trilha, a APM realizou, no último dia 3 de maio, data de aniversário da Associação, sua primeira assembleia com os Pais, cumprindo também o que determina seu estatuto, que prevê a realização de pelo menos uma assembleia por ano.

Esse primeiro encontro reuniu 33 Pais, no auditório do Colégio, para uma troca de ideias, experiências e propostas para uma atuação mais efetiva dos Responsáveis na Associação de Pais e Mestres, visando uma parceria mais estreita com a Escola, em prol da educação de seus Filhos.

Discussões e propostas

Segundo o Diretor Vice-Presidente da APM, Carlos Machado de Freitas, o Caco, alguns assuntos dominaram as discussões na reunião, entre eles o da inclusão – tema de capa desta edição da revista, o da comunicação (tanto a do Colégio com os Pais, como a da própria Associação com eles), os passeios como atividades pedagógicas e a alimentação saudável. “Além desses temas, conversamos também sobre a questão da troca de livros usados e a

ampliação das atividades esportivas, que apareceram como demandas”, disse Caco.

Uma das propostas levantadas nessa primeira assembleia foi a de os grupos de trabalho da Associação de Pais e Mestres serem organizados de modo tal que possam incluir outros Pais interessados em suas atividades. “Além disso, é claro, a APM poder ampliar e aprofundar o diálogo com a Direção da Escola sobre os temas que surgiram, o que é o papel mesmo da Associação”, complementou o Vice-Presidente da entidade.

A primeira assembleia da APM com os Pais e Responsáveis foi um sucesso e deve ser repetida ainda este ano. “A ideia é, no segundo semestre, ter nova assembleia, de modo que a APM possa ampliar seus canais de escuta e diálogo com os Pais para além das consultas, pesquisas e e-mails”, finalizou Carlos Machado.

UMA PRIMEIRA PROPOSTA É OS GRUPOS DE TRABALHO DA APM SEREM ORGANIZADOS DE MODO TAL QUE POSSAM INCLUIR OUTROS PAIS INTERESSADOS EM SUAS ATIVIDADES



NOVAS FERRAMENTAS PARA UM NOVO MUNDO

Projeto do 9º ano, com base no Design Thinking, dá protagonismo aos Alunos para pensar e propor soluções a problemas sociais

No ano passado, um estudo sobre o futuro do trabalho, divulgado pelo Fórum Econômico Mundial, estimou que 65% das atividades profissionais que as crianças de hoje exercerão em sua vida adulta ainda nem foram criadas. A projeção dá a medida da velocidade das transformações que a tecnologia trouxe a seu reboque, impondo novos e complexos desafios a cada dia.

Foi com esse cenário em mente que os Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental foram envolvidos em um novo projeto, que este ano substituiu o Plipt - Programa de Leitura, Interpretação e Produção de Textos.

Trata-se das Agências de Criação, projeto multidisciplinar em que os Alunos têm que se organizar por temas de trabalho (e não mais por turma) para propor soluções a problemas sociais

apresentados, utilizando a metodologia do Design Thinking, ou Pensamento de Design, em livre tradução para o português.

“Normalmente temos no ambiente escolar a sala como o lugar onde os Alunos estão para assistirem aula. Nesse modelo, o protagonista é o Professor. No projeto que trouxemos para o 9º ano, invertemos o protagonismo, na medida em que são os Alunos que, em grupos de trabalho, lideram o processo de aprendizagem. Nas Agências de Criação, os Professores atuam exclusivamente como assessores e orientadores”, explica o Coordenador Acadêmico André Marques.

A ideia é que todo problema tem uma solução. Só é preciso encontrá-la ou criá-la. Para isso, o Design Thinking lança mão de conceitos como empatia, criatividade, pensamento integrativo, otimismo, experimentação e colaboração; e de

pesquisa contextual, desenho rápido, mentalização e prototipação, como métodos de trabalho.

Vulnerabilidade humana

Sob o tema geral da vulnerabilidade humana, trazido pelo Professor de Biologia José Carlos Campos, os Alunos se agrupam em Agências de Criação, por áreas: cultura e lazer, educação, transportes, segurança, habitação e saúde pública.

Ao final de cada trimestre, as aulas formais são suspensas por uma semana, para que os grupos se dediquem integralmente às Agências de Criação. Cada agência conta com cerca de 20 Estudantes, que, por sua vez, se dividem em núcleos de pesquisa, gestão, criação e redação, responsáveis pelas diferentes fases do trabalho.

O projeto é desenvolvido em três etapas ao longo do ano. A primeira delas é a do conhecimento, com a identificação do problema a ser trabalhado, a partir de mapas mentais, pesquisas e entrevistas. Na segunda etapa, os dados e informações coletados servem de base para a proposição de soluções concretas. E na terceira fase, as soluções devem estar prontas para aplicação.

Viabilidade prática

“As soluções precisam endereçar um problema específico. Podem ser uma campanha publicitária, um serviço, um jogo, um aplicativo ou outro produto qualquer, mas devem ter uma viabilidade prática”, explica Liliane Ferreira dos Santos, Coordenadora Pedagógica do 9º ano e do Ensino Médio.

A primeira etapa do projeto, que contou com a participação voluntária de dois Pais de Alunos, ocorreu entre os dias 21 e 27 de março. O primeiro dia foi dedicado à apresentação e discussão

dos temas e à formação das Agências de Criação; no segundo, os Alunos criaram o nome e o logotipo das agências; e nos demais, partiram para as pesquisas e entrevistas. Professor de História, o deputado Marcelo Freixo foi convidado a falar aos Alunos sobre a situação do Rio de Janeiro nas diversas áreas abarcadas pelo projeto. E, no último dia, foi feita, no auditório, a apresentação do que cada agência produziu.

Convidados a avaliar a experiência, os Alunos fizeram diversos comentários. “Consegui me aproximar de pessoas que não conhecia”, disse um. “Aprendi sobre um tema importante”, comentou outro. “Foi bom sair do padrão tradicional de aula”, escreveu um terceiro. “Gostei da união de todos para achar soluções”, apontou outro. “Pouco tempo”, “divisão de tarefas desigual” e “trabalho puxado e cansativo” foram dificuldades também apontadas, para serem repensadas na próxima etapa.

O projeto das Agências de Criação tem a consultoria dos designers Daniel Pan e Lila Abreu. Ambos são formados em Design de Produto pela UFRJ e estão há mais de 15 anos atuando nesse mercado. Segundo Daniel, a ideia é preparar os jovens para viver no ambiente contemporâneo de constante transformação, através do desenvolvimento da criatividade e do pensamento flexível, e da aplicação de métodos e processos claros, que possam ser usados em qualquer profissão que eles venham a exercer, seja uma atividade tradicional como advocacia ou medicina ou algo supérfluo na área de tecnologia.

“A partir do ano que vem, pensamos em dar mais robustez ao projeto, incorporando essa metodologia, o Design Thinking, como uma disciplina do 9º ano”, adiantou André Marques.



“NAS AGÊNCIAS DE CRIAÇÃO, OS PROFESSORES ATUAM EXCLUSIVAMENTE COMO ASSESSORES E ORIENTADORES”

ANDRÉ MARQUES,
COORDENADOR ACADÊMICO

O mapa mental é a primeira etapa do projeto, que também envolve pesquisa e discussões em grupo, com orientação do designer Daniel Pan



PARA APRENDER BRINCANDO

Oficina de Arte para os Alunos do 1º ao 3º ano do Fundamental ensina a fazer brinquedos com sucata

Um rolinho de papel higiênico que vira peixe, um pratinho de festa infantil que se transforma em dinossauro, uma rainha feita a partir de uma rolinha... É só juntar o material, botar a mão na massa e começar a brincadeira, inventando história que não acaba mais.

É dessa forma, lúdica e gostosa, que se desenvolve o novo curso de arte Oficina de Brinquedo com Sucata, oferecido fora do horário escolar para as crianças dos primeiros anos do Ensino Fundamental. Há duas turmas em curso, ambas a cargo da Professora Renata Azevedo, também responsável pelas aulas regulares de artes para o 3º e 4º anos, e o Ateliê de Artes, extraclasse, para Alunos do 4º e 5º anos.

Na Oficina, as crianças aprendem a construir brinquedos a partir da reutilização de embalagens do uso diário, como caixas de ovo, garrafas PET, tampinhas diversas ou caixas de leite longa vida, dentre outros descartáveis.

Além de aprenderem brincando, elas também desenvolvem a habilidade motora, a percepção das formas, a criatividade e a integração interpessoal e, indiretamente, refletem sobre consumo, desperdício e reaproveitamento de materiais.

“São poucos os cursos no Rio que desenvolvem criatividade com arte. Há cursos de desenho, dirigidos, com



noções de certo e errado. Este, além de um curso de arte, é focado no brinquedo e no brincar, que é a melhor forma de aprender e compreender o mundo. Os Alunos aprendem a trabalhar com o material, desenvolvendo habilidades de cortar, colar e pintar, mas o estímulo é que eles criem seus próprios brinquedos do jeito que quiserem”, diz a Professora Renata.

Ela argumenta que hoje as crianças não têm mais quintal e poucas são as que brincam na rua. O corpo só é usado em situações muito específicas, como numa aula de esportes, e a livre exploração corporal quase não existe mais. “Com isso a gente percebe nos Alunos uma enorme dificuldade de usar uma tesoura, por exemplo. Então, a oficina desenvolve a habilidade motora tanto ao fazer o brinquedo quanto ao usá-lo imediatamente. Ele não fica parado na prateleira. As naves saem logo voando; os bonecos, falando; os ninjas, lutando...”

O curso é dado em módulos com sucatas específicas, para que as crianças possam ir assimilando cada uma por vez. Primeiro, trabalha-se com pratinhos e rolinhos de papel, de onde saem bichinhos variados. Depois, vêm as tampinhas e rolhas, que viram todo tipo de personagem. Em seguida, é a vez das caixas de papelão, que se transformam em castelos, ambientes e cenários de histórias.

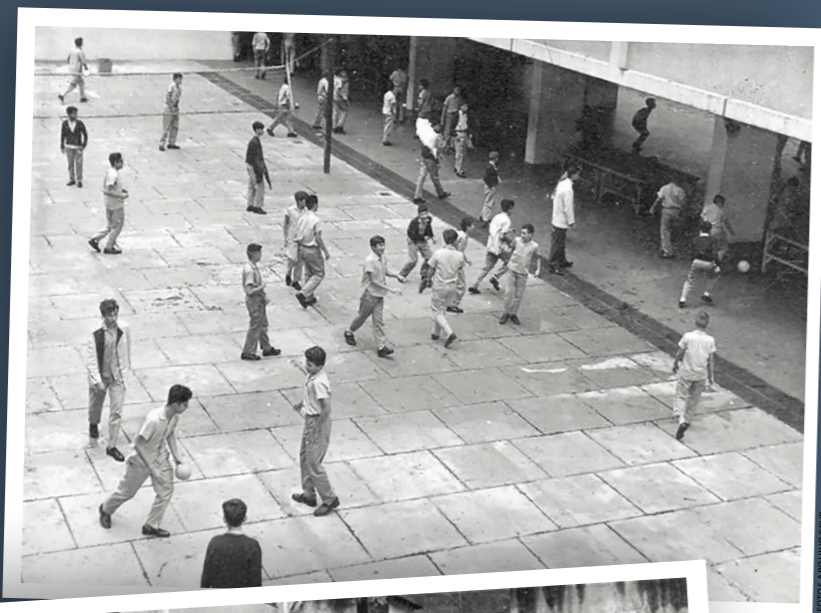
Renata Azevedo destaca que a possibilidade de criar seu próprio brinquedo dá também autonomia à criança. “Damos outro valor àquilo que a gente mesmo faz. A criança percebe que não é só consumidora, mas produtora também, capaz de construir suas próprias possibilidades. Não precisa ficar esperando receber de alguém. O fazer dá a ela independência e potência. Isso é o mais importante para mim”.

A Oficina de Brinquedo com Sucata está sendo dada ao longo de todo o ano letivo, às terças-feiras à tarde, para o 1º ano, e às quartas, para o 2º e 3º anos EF, em aulas de uma hora de duração cada.

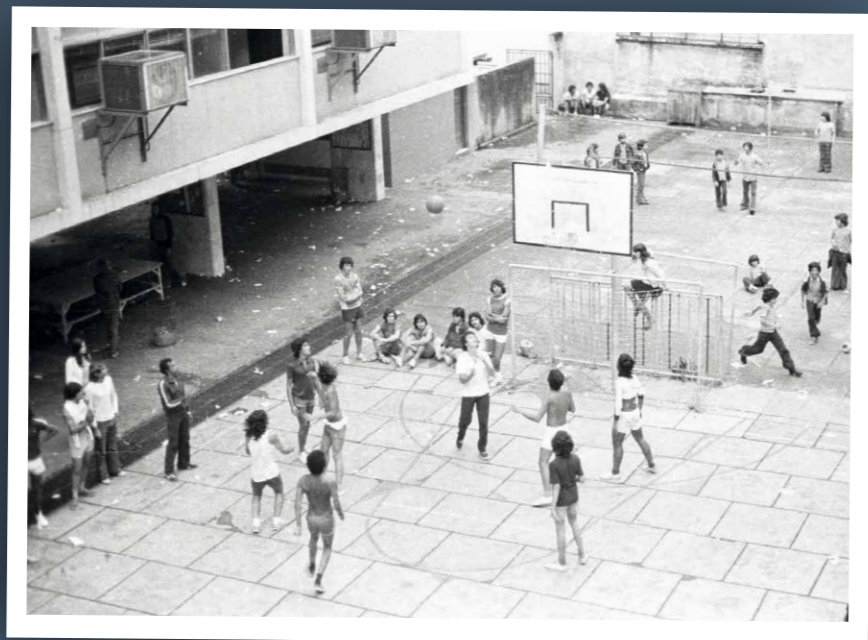


ONTEM E HOJE

Quando pensamos em mostrar o que mudou e o que permanece no recreio do Colégio, achamos que encontraríamos muitas crianças e adolescentes colados a seus celulares pelos cantos, como é comum nos tempos atuais. Mas o que flagramos foram os Alunos jogando totó, trocando figurinhas do álbum da Copa, correndo... E, assim como os mais velhos, numa boa roda de conversa. Houve mudanças também, claro. Até o final dos anos 70, o pátio era usado nos recreios para jogar vôlei, futebol e basquete. Hoje não mais, por conta das novas quadras e do ginásio. E o chão cheio de lixo no final dos recreios, como na foto de 1976, também não se vê mais. Várias lixeiras de coleta seletiva foram instaladas no pátio, que está um brinco. Boas surpresas, não?



FOTOS: ARQUIVO CSVP



FOTOS: A CHAMA



MÃOS À OBRA!



Colégio firma parceria com a ONG Teto para que Alunos do Ensino Médio participem da construção de uma casa em comunidade



FOTO: DIVULGAÇÃO/TETO

No próximo mês de julho, dez Alunos dos 2º e 3º anos do Ensino Médio do São Vicente vão passar três dias seguidos – da sexta-feira, 20, a domingo, 22 – em Jardim Gramacho, Duque de Caxias, com uma missão especial: construir uma casa junto com moradores da comunidade. E para isso precisam levantar R\$ 7,5 mil.

A iniciativa é resultado da parceria firmada entre o Colégio e o Teto, uma organização internacional que atua em prol da superação da pobreza nas favelas em situações mais precárias, através do engajamento de seus moradores e da mobilização de jovens voluntários, para trabalharem juntos na construção de uma sociedade integrada, tendo o desenvolvimento comunitário como eixo transversal de intervenção.

Surgido no Chile em 1997, o Teto hoje mantém operação em 19 países da América Latina. No Brasil, a ONG já atua há dez anos. Nesse período, 2.400 moradias de emergência foram construídas por moradores das favelas em conjunto com cerca de 30 mil voluntários.

Grande transformação

“A casa construída é muito simples, pré-moldada e elevada, para evitar o risco de entrada de água e de animais. O custo médio de cada uma é de R\$ 6 mil, numa metragem pré-definida pela ONU como minimamente digna para uma família. O modelo maior tem 18 metros quadrados, o menor, 14,4 m2. Mas estamos falando de famílias que moram às vezes em lugares ainda menores. Para eles, é uma grande transformação”, afirma o jornalista Luigi Ferrarese, 33 anos, ex-Aluno do São Vicente e voluntário fixo na equipe de comunicação do Teto.

Ao lado de outros ex-Alunos voluntários, entre eles Luiza Borges Campos, filha da Orientadora do Ensino Médio Maria Clara, eles fizeram contato com o Colégio no ano passado para apresentar o trabalho da organização, que é totalmente financiada com contribuições e trabalho voluntário, seja de pessoas avulsas, parceiros fixos – os Amigos do Teto, empresas, colégios ou “famílias”, grupos de 10 a 12 voluntários que se juntam para captar dinheiro e construir uma casa.

“Num primeiro momento, foi trazido um cofrinho em forma de casa para o Colégio e alguns Alunos se engajaram na coleta, arrecadando o troco do lanche dos colegas na hora do recreio. A arrecadação foi um sucesso e precisamos pedir uma segunda casinha para a coleta”, conta Maria Clara. Depois o trabalho continuou no estande do Teto montado na Feira de Cultura e Compromisso Social. E uma reunião do Conselho Pedagógico selou, posteriormente, o aval do São Vicente para a parceria com a organização neste 2018.

Captação e construção

Através dela, o Colégio e seus Alunos ficam responsáveis por uma determinada casa, captando os recursos e trabalhando na sua construção. Para se engajar na obra propriamente dita, é preciso ter a autorização dos Pais e Responsáveis e no mínimo 16 anos de idade. Mas os Alunos que não preenchem esse requisito podem atuar na captação de recursos, de alimentos não-percíveis e no levantamento das necessidades da comunidade escolhida.

Neste mês de maio, acontece a etapa denominada de ECO - escutando a comunidade, quando é feito o levantamento de dados e demandas da população local. Dessa fase, participarão Alunos dos 2º e 3º anos do Ensino Médio, da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e também Ex-Alunos, acompanhados dos Professores Valéria e Marcelus.

O trabalho de arrecadação do dinheiro para a construção da casa continua até fechar a conta, através de rifa, bazar, cofrinho, doações...

“Precisamos levantar 7,5 mil para a obra e para bancar também outras despesas, como transporte, logística e alimentação. Ainda não temos todo o dinheiro necessário. Contamos com a colaboração de todos!”, ressalta Cristina Marques, a Krika, também Orientadora Educacional do Ensino Médio.

A comunidade também faz a sua parte no projeto

“Tudo é construído em conjunto. Nunca pode haver número maior de voluntários do Teto do que de moradores na construção das casas. Além disso, os moradores também têm que captar recursos, num valor correspondente a 10% do total da obra. É um trabalho de formiguinha, mas é, sobretudo, um trabalho de conscientização da comunidade de que eles podem se juntar e melhorar suas vidas”, explica Luigi.

“PRECISAMOS LEVANTAR 7,5 MIL PARA A OBRA E DESPESAS COMO TRANSPORTE, LOGÍSTICA E ALIMENTAÇÃO. AINDA NÃO TEMOS TODO O DINHEIRO NECESSÁRIO. CONTAMOS COM A COLABORAÇÃO DE TODOS!”

CRISTIANA MARQUES, A KRIKA,
ORIENTADORA EDUCACIONAL
DO ENSINO MÉDIO

Alunos dos Colégios Santo Inácio, Escola Americana, Escola Britânica e Instituto Abel (de Niterói) já participaram da experiência. Agora é a vez do CSVP.

“Isso tem tudo a ver com os valores do São Vicente e seus objetivos, de ajudar a formar agentes de transformação social. É uma experiência muito marcante, estar numa comunidade pobre, pegando no pesado e participando de dinâmicas com o Teto que os ajudam a repensar esses valores e seus privilégios. Eles voltam muito mobilizados. Ano passado, uma Aluna participou da construção por conta própria e nos deu esse depoimento. Muitas vezes temos Alunos pedindo para fazer esse trabalho de colocar a mão na massa, mas não temos a estrutura que o Teto tem. Então, é uma forma de possibilitar essa experiência e colaborar com o trabalho da organização. Por isso, abraçamos esse projeto”, diz Maria Clara.

As Alunas Alice, Maria Clara e Rafaela com circulares para os Pais e o cofrinho para contribuições



FOTO: ACHAMA

DA INDIGNAÇÃO À AÇÃO

Junto a amigas, ex-Aluna Aisha Jacob liderou campanha de sucesso contra o assédio no carnaval

O carnaval de 2017 certamente não foi igual àquele que passou. Foi ali que um incômodo preso no peito de tantas foliãs saiu pela primeira vez da garganta e ficou impresso em seus corpos. “Não é não!”, dizia a mensagem. Era uma resposta clara e direta ao assédio masculino às mulheres, que todo ano encontra seu ápice na festa que deveria ser só sinônimo de alegria e brincadeira.

A partir da mobilização de um grupo de amigas, a indignação virou ação. Em menos de um mês, quatro mil tatuagens temporárias foram produzidas e distribuídas nos blocos cariocas. A campanha literalmente colou. Conquistou corações, mentes e corpos femininos. Ganhou as ruas, as redes, a mídia e, este ano, se disseminou por outros estados e até outros países, ajudando a impor uma reflexão e um freio ao assédio. Não é não!

A semente da campanha foi plantada pela ex-Aluna do São Vicente Aisha Jacob, 28 anos, estilista e sócia de uma loja de roupas femininas recém-aberta em Ipanema. Em 2016, depois de ter terminado um namoro de quatro anos, marcado pelo comportamento abusivo de seu parceiro, Aisha começou a pesquisar o tema do abuso contra mulheres e a tomar consciência de sua gravidade.

Reação coletiva

Pouco depois, numa roda de samba com amigas, ela voltou a viver uma investida abusiva de um homem, que gerou uma reação coletiva firme dos presentes: “Cara, você não entendeu? Ela disse não. Não é não!”. Pronto, estava dado o mote para a campanha contra o assédio no carnaval.

As seis amigas – Aisha, Julia Parucker, Barbara Menchise, Fabiula Bueno,

Luiza Borges e Fernanda Barbosa, essas duas últimas também ex-Alunas do São Vicente – rapidamente criaram um grupo no Whatsapp e, em menos de 24 horas, já contavam com a adesão de 40 mulheres, que concordaram em financiar 4 mil tatuagens temporárias, ao custo de R\$ 30 para cada uma.

“A gente viu que era uma mensagem que batia forte em cada uma, porque todas elas toparam na hora aderir à campanha e depositar o dinheiro. Fizemos a logo, imprimimos as tatuagens e partimos para os blocos para distribuí-las entre as meninas. Era muito interessante porque se formou uma rede: você olhava para o lado, via uma mulher tatuada e sabia que podia contar com ela de alguma maneira”, lembra Aisha Jacob.

A adesão foi enorme. Passado o carnaval, o coletivo foi sendo chamado para levar as tatuagens a outros eventos – marchas, encontros, palestras. Mas restavam poucas unidades e era preciso produzir mais. Em setembro, foi lançado um projeto de financiamento coletivo para a produção de tatuagens para o carnaval de 2018. Só que agora das principais capitais do Brasil.

Rede de coletivos

A meta foi batida. Com o apoio de 355 benfeitores, mais de R\$ 20 mil foram arrecadados para a produção de 25 mil tatuagens temporárias. E através de redes de coletivos femininos, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Olinda também

Da esquerda para a direita Luiza, Bárbara, Aisha e Fernanda. Luiza e Fernanda também são Ex-Alunas do São Vicente.



FOTO ANIETTE ALENGAR



FOTO ROGERIO PASSAL

tiveram seus blocos lotados de meninas tatuadas com o “Não é não!” no carnaval deste ano.

“Fomos procuradas pela Rede Globo – um domingo antes do carnaval saímos no RJ TV, no SP TV e no Jornal Nacional –, pela Record, pela TV Cultura e TV Brasil. Ganhamos repercussão nacional e até internacional – saímos numa TV de Berlim, num blog português, no jornal The Guardian, de Londres, no LA Times, de Los Angeles. Isso sem falar nas mídias sociais, onde tivemos um alcance enorme. Conseguimos muito apoio e sentimos que tínhamos aberto uma porta importante para falar de assédio”, diz. Um desses apoios veio da vereadora assassinada Marielle Franco, que produziu mil tatuagens e distribuiu leques com a mensagem da campanha no carnaval carioca.

E os meninos, não participam? O adesivo é para ser estampado apenas no corpo das mulheres, mas o apoio masculino é bem-vindo, claro. Este ano, a campanha recebeu uma ajuda de peso do Corinthians, o popular time de futebol paulista. No dia 7 de março, véspera do Dia Internacional da Mulher, os jogadores entraram em campo com uma camisa estampada com a frase “#respeitaasmimã” e dez mil tatuagens temporárias do “Não é não!”, financiadas pelo clube, foram distribuídas entre as torcedoras no estádio.

A meta do coletivo agora é fazer parcerias com escolas. “Esse é um nicho que a gente quer trabalhar melhor, porque acreditamos que é lá que está nosso maior público, que está disponível a escutar e a mudar de fato – os jovens”, diz Aisha Jacob.

Para ela, a mudança de cultura e comportamento só virá pela reeducação. Por isso, para o Colégio São Vicente, onde se formou em 2007, ela deixa uma mensagem especial para as meninas, para que elas conversem muito, se unam, entendam seu papel no mundo e a importância da luta feminina. “Neste momento tão difícil que estamos vivendo, precisamos perseverar. Não podemos desistir nem esquecer nunca. Não é não!”.

“NESTE MOMENTO TÃO DIFÍCIL QUE ESTAMOS VIVENDO, PRECISAMOS PERSEVERAR. NÃO PODEMOS DESISTIR NEM ESQUECER NUNCA: NÃO É NÃO!”

AISHA JACOB

ZELO

A virtude vicentina do cuidado com o outro

“ZELO É ACOLHIMENTO, É SABER VER O OUTRO COMO ELE É E NÃO DE ACORDO COM NOSSAS PRÓPRIAS EXPECTATIVAS. É ESTAR ATENTO AO DIÁLOGO E À CONVIVÊNCIA COM O OUTRO, PARA QUE ENTENDAMOS AS NOSSAS DIFERENÇAS.”

ELEONORA CALDEIRA,
DO SOE

Para São Vicente de Paulo, o zelo é o amor ardente: “Se o amor de Deus é o fogo, o zelo é sua chama. Se o amor é o sol, o zelo são seus raios” (XI,590). Mas não basta fazer o bem, é preciso fazer bem o bem, pregava ele.

O Projeto Político Pedagógico do Colégio São Vicente afirma: “Dialeticamente, os Agentes de Transformação Social constroem e, ao mesmo tempo, se deixam construir: (...) por uma Educação que promove a leitura ampliada da realidade. Interdisciplinar, que dá ênfase ao desenvolvimento de habilidades e competências, fundadas no respeito e na sensibilidade solidária. Livre das amarras de autoritarismos introjados e dos limites arbitrários. Uma educação em que se vivem, na Escola e fora dela, os valores fundamentais do cuidado e da paz, como expressão da virtude do zelo.” (PPP, pág. 40).

O zelo, na visão da área de Recursos Humanos do Colégio, significa o cuidado e a preocupação que todos os Colaboradores devem ter uns com os outros em suas atividades laborativas, criando naturalmente uma união operacional onde todos os setores e segmentos interagem de forma respeitosa e prazerosa. “Com isso o nosso ambiente escolar se transforma em referencial de valores de cuidado, amor ao semelhante e paz”, afirma Eduardo Cardoso, do Departamento de Pessoal do São Vicente.

Para Antônio Edvaldo, da Zeladoria, a virtude do zelo em um ambiente escolar é um trabalho coletivo de responsabilidades e tarefas diferentes, porém todas com a mesma importância. “O que fazemos e de que forma fazemos identifica nossas virtudes; portanto, é importante que façamos com amor e dedicação; desta forma teremos um ambiente unido e agradável para trabalhar”, diz.

Professora de Português, Teresa Assife pondera que dentre as virtudes vicentinas, o zelo merece atenção, principalmente, pela sua estreita relação com o cuidado, a observação das diferenças e do respeito às diversidades que nos caracterizam como seres únicos. “Ser zeloso pressupõe cuidado individualizado, valorização da observação do outro e suas carências, atenção ao detalhe do que se apresenta ou se cria, traduzindo, através desse trabalho minucioso, a valorização de nossos semelhantes e de nossas práticas”, argumenta.

Desenvolver a empatia

De acordo com a Professora de Artes Claudia Marçal, a Cacao, o zelo, no ambiente da Escola, passa pelo cuidado com o outro, consigo mesmo e com o espaço de convivência. “Está na capacidade de desenvolver a empatia, perceber as necessidades do outro e procurar ajudá-lo. Está também na vigília da percepção de si mesmo, não só pelo reconhecimento de seu crescimento e de suas conquistas, mas também pelos desafios que se apresentam no caminho. Na superação das dificuldades e no apoio mútuo. Está no cuidado com a singularidade de cada um, na percepção, reconhecimento e respeito às suas diversas formas de expressão e do incentivo ao desenvolvimento de suas potencialidades. Está nas escolhas pedagógicas de conteúdos que enriqueçam e ampliem a visão de mundo, que provoquem a reflexão e nos desafiem a experimentar diversos pontos de vista, incentivem ao pensamento complexo e ao mesmo tempo sensível, contra a alienação e a acomodação preconcebida ou preconceituosa da realidade”, afirma ela.

Já a Orientadora Educacional Eleonora Caldeira diz que zelo é acolhimento, é saber ver o outro como ele é e não de acordo com nossas próprias expectativas. É estar atento ao diálogo e à convivência com o outro, para que entendamos as nossas diferenças. “Trabalho em um setor, a Educação de Jovens e Adultos (EJA), no qual esta virtude é importantíssima. Essa população é muito carente e às vezes chega a ter um trabalho escravo. A autoestima deles é muito baixa e a Escola, através da Virtude do Zelo, abre caminhos para a melhoria desses adultos. Escutei um depoimento de um dos Alunos que me comoveu: “Professora, eu não consigo aprender, mas não deixo de vir a Escola porque aqui sou acolhida e me sinto gente”, contou Eleonora.



Trabalhos dos Alunos do 3º ano do EF, feitos na aula de ensino religioso do Prof. Cristiano

MAIS DE 400 ANOS SERVINDO OS POBRES

Voluntárias da Caridade são o mais antigo grupo vicentino em atividade. Núcleo do CSVP convida à participação de novas integrantes



FOTO ACHAMA

Da esquerda para a direita, as Voluntárias Tanya, Rosânia, Rosângela, Josefa e Ivanise

“É PRECISO PASSAR DO AMOR AFETIVO AO AMOR EFETIVO, QUE É O EXERCÍCIO DAS OBRAS DE CARIDADE, O SERVIÇO DOS POBRES EMPREENDIDO COM ALEGRIA, CORAGEM, CONSTÂNCIA E AMOR”

(SV IX, 594)

Todo ano elas são as responsáveis pelos dois grandes bazares montados no Colégio São Vicente de Paulo: o Bazar das Mães e o Bazar de Natal. Mas o que muita gente não sabe é que por trás daqueles objetos para presente e peças de artesanato há o trabalho dedicado de um grupo de mulheres que faz parte da mais antiga instituição vicentina em ação: as Voluntárias da Caridade.

Fundado diretamente por São Vicente em 1617, o grupo das Senhoras ou Damas da Caridade, hoje chamadas Voluntárias da Caridade ou Voluntariado da Caridade onde a associação é mista, está presente em praticamente uma centena de países e tem presença ativa em organismos internacionais, como ONU, Unesco, FAO, Conselho Europeu e dois conselhos do Vaticano.

O movimento é representado pela Associação Internacional de Caridades, que somente no Brasil conta com 15 regionais, 145 núcleos e mais de 2,3 mil Voluntárias. O Núcleo do CSVP é quase tão antigo quanto o próprio Colégio – foi fundado em agosto de 1960, por iniciativa das Mães que compunham a Associação de Pais e Mestres (APM), criada em maio daquele mesmo ano.

Hoje, o Núcleo do Cosme Velho conta com cerca de 10 participantes, com idades entre 50 e 90 anos, entre Mães e Avós de Alunos e Ex-Alunos do Colégio São Vicente, ex-Funcionárias ou moradoras do bairro que se juntaram ao grupo animadas pela missão da entidade: o trabalho de assistência aos pobres.

É o caso de Josefa Vasquez e Rosânia Luzia Gomes, vizinhas do Colégio, que estavam em busca de uma causa para atuar como voluntárias. Elas se agregaram ao grupo em setembro do ano passado. Já Aura Celeste Campos, a mais antiga integrante, está há 39 anos na associação. Ela está com 91 anos de idade, apenas um menos do que Maria da Conceição Potsh de Carvalho, a mais idosa. Mas, com problemas de saúde, ambas só frequentam as reuniões esporadicamente.

Já Tanya Buarque de Almeida é Voluntária da Caridade há 38 anos e, aos 73 de idade, continua em plena atividade. Além de tesoureira do núcleo, é presidente do Regional do Rio de Janeiro. Nancy Spencer Soares já completou 21 anos de serviços prestados à instituição. Enquanto Aparecida de Oliveira, Marlene Teixeira e Ivanise Bastos são Voluntárias desde 2012.

A mascote da turma é Rosângela Alves dos Santos Pereira, de 57 anos, há oito presidindo o núcleo do CSVP. Nordestina, ela está há onze anos no Rio e encontrou nas Voluntárias da Caridade sua família na cidade.

“É uma experiência muito prazerosa, a gente se renova a cada dia, cresce ouvindo as experiências daqueles que assistimos. Poder ajudar é muito gratificante”, diz Rosa, como a presidente é conhecida pelo grupo.

Renovação dos quadros

O núcleo de Voluntárias da Caridade do Colégio, que já chegou a ter 30 integrantes no

passado, há cerca de três anos ficou reduzido a quatro. “Temos dificuldade de renovar os quadros, porque as pessoas não estão podendo dispor de seu tempo e assumir responsabilidades. O pobre tem necessidades e urgências, então é preciso ter compromisso com esse trabalho. Mas, com muita fé em São Vicente, fomos chamando um, chamando outro, e conseguimos nos manter”, conta Rosa.

“Somos um grupo pequeno, mas muito unido. A gente ri, a gente brinca, se apoia. Não tem confusão nem fofoca, é muito gostoso o nosso convívio. Quem chega é acolhido com carinho e amizade”, complementa Tanya, que participa sempre dos congressos nacionais e internacionais das Voluntárias, de onde traz as diretrizes da instituição para compartilhar com as amigas, sobre virtudes e espiritualidade vicentina, sobre como atender os idosos, as crianças, os necessitados.

São 27 famílias atendidas por elas nas comunidades do Cerro Corrá, Guararapes, Prazeres e Santa Marta. Cada uma delas recebe, mensalmente, uma cesta básica. E, sempre que necessário e possível, remédios, roupas, óculos, cadeira de rodas, material de construção ou auxílio funerário.

Cestas básicas

Segundo Rosa, 90% dos atendidos são idosos. Os demais são ou doentes ou mães com filhos doentes que não podem trabalhar para sustentá-los. O orçamento da entidade vem da Associação de

Pais e Mestres e da renda levantada nos bazares, que também ajudam a custear o Natal dos Pobres e outros encontros de celebração, como Dia das Mães, do Idoso etc. “Toda verba é destinada ao pobre; nosso trabalho não é remunerado”, frisou a presidente.

No passado, as Voluntárias subiam os morros duas vezes por ano para assistir os pobres, como ensinou São Vicente. Mas, com a crescente violência da cidade, elas agora os recebem todo mês na sede da Associação, na sala do segundo andar ao lado das quadras, no Colégio.

“Eles não vêm só pegar a cesta básica e ir embora; a gente reza junto, conversa, ri, faz um lanche, é um momento de acolhimento, de integração”, diz Rosa. Segundo Tanya, os assistidos têm necessidades materiais, mas ainda mais emocionais. E conta:

“Houve uma ocasião que uma assistida nossa me disse que queria falar comigo. Sentamos juntas no sofá, botei minha mão sobre a dela e esperei que ela falasse. Ficamos um tempo assim caladas, de mãos dadas, até que ela agradeceu, se levantou e foi embora. Tudo o que ela precisava era daquela presença naquele momento, daquela atenção e daquele carinho. Isso me emocionou muito”.

As Voluntárias da Caridade do Colégio São Vicente reúnem-se toda terça e quinta-feira, das 14h às 17h. E terão muito prazer em receber novas integrantes dispostas a dar continuidade a esta nobre missão.



NOTAS

MARIELLE PRESENTE, CSVP PRESENTE!

No dia 14 de março, o brutal assassinato da vereadora Marielle Franco chocou o mundo. Honrando sua história, a Comunidade Escolar do São Vicente se mobilizou, preparou faixas e cartazes e saiu em conjunto para participar do ato de repúdio ao crime, promovido no Centro. Alunos do 1º ano do Ensino Médio, da Professora Cacaú Marçal, que tinham como tema de estudo a arte como reprodução da realidade, dedicaram a Marielle todos os trabalhos, exibidos entre abril e maio na Sala de Exibições do térreo. Trabalhos feitos em grupo em diferentes técnicas, mas com a mesma força e beleza para homenagear e refletir sobre aquela que se tornou nosso maior símbolo na luta em prol das mulheres, dos negros e dos favelados.

FOTOS CACAÚ MARÇAL, MARINA STAMPA, ELUIDA FREITAS E ACHAMA



PODERÃO CORTAR TODAS AS FLORES,
MAS NÃO PODERÃO DETER A PRIMAVERA.



Leonardo Boff com Laura e Renata, da Comunitária, e Gilberto, da Coordenação

BOFF E A SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Na noite de 12 de abril, o Colégio convidou Leonardo Boff para uma palestra sobre o tema *Acolher e cuidar: estratégias para a superação da violência*. O teólogo e escritor falou para um auditório repleto de Professores, Inspetores, Orientadores, Coordenadores e Diretores do CSVP. Enalteceu às mulheres, presentes em maior número na plateia, como as mais sensíveis às questões espirituais, que podem trazer paz a este mundo conturbado. “A violência está em toda parte, abarca desde questões cosmológicas (uma galáxia que engole outras) às que estão no nosso cotidiano, como a violência contra as mulheres, os negros, os homossexuais, os pobres”. Lembrou que a natureza e os animais são violentos, mas só os humanos são cruéis. Falou do patriarcado e da cultura do capital como fontes de desigualdade e opressão e exaltou a busca do equilíbrio para o bem viver. “Temos anjos bons e anjos maus dentro de nós. A paz se constrói alimentando os anjos bons”, disse Boff, que ao final do encontro autografou vários livros seus, entre eles o consagrado *A Águia e a Galinha*, que já ultrapassou a 50ª edição.

FOTO SIMONE FERREUS

SVAC NA EUROPA EM 2019

O coral São Vicente a Cappella, o SVAC, que já cruzou fronteiras em 2013, cantando na final do Festival Cantapueblo (foto ao lado), em Mendoza, na Argentina, agora está se preparando para uma viagem além-mar! Isso mesmo: foi convidado a cantar no Summa Cum Laude, em julho do ano que vem, na Áustria. Trata-se de um renomado festival de música para coros, bandas e orquestras infantis e juvenis realizado anualmente em Viena. Visando arrecadar o dinheiro necessário à ida do grupo ao Festival, foi criado um projeto que inclui várias ações. Na festa junina do Colégio, o SVAC terá uma barraca onde serão vendidos diversos itens com a marca do coro – camisetas, canecas, copos, chaveiros, calendários etc. Também será oferecido o telegrama musical, em que se pode escolher de um cardápio de músicas a mensagem que se quiser oferecer para alguém que se encontra na festa. Tudo isso para que o SVAC possa mostrar ao mundo o lindo trabalho que desenvolve há 20 anos. Bora contribuir?



FOTO ARQUIVO SVAC

ENCONTRO DOS FORMANDOS DE 2017

Churrasco, cerveja, refrigerante, música, conversa e muita alegria no reencontro. Depois de meses afastados, os Formandos de 2017 do São Vicente puderam matar as saudades dos Colegas, dos Professores, Diretores e do próprio Colégio no sábado, dia 5 de maio. Falaram do caminho que vêm trilhando e relembrou momentos marcantes da vida escolar. Essa é a ideia da APM ao promover o Encontro dos Formandos: criar um canal de comunicação com os Ex-Alunos e fortalecer seus vínculos com a antiga casa. No final da festa, o tradicional bolo, com a foto da formatura, o autógrafo na faixa e a inauguração da placa da Cápsula do Tempo, com as mensagens que escreveram e que serão lidas daqui a 10 anos.

Um dos momentos marcantes do encontro é o da assinatura da faixa



FOTO RIRICA

ELEIÇÕES NOS GRÊMIOS

As novas Diretorias dos Grêmios Estudantis já estão eleitas e empossadas. No dia 20 de abril, foi realizada a eleição da Diretoria do Minigrêmio, do Ensino Fundamental I. No total, votaram 152 Alunos. A chapa # Ajuda recebeu 25 votos; a Original, 14 votos; e a Melhorias Vicentinas, 113. Nulos, 11 votos; e brancos, 0. A chapa vencedora, com seis integrantes, tomou posse em 26 de abril. O GREF, do Fundamental II, elegeu sua Diretoria no dia 2 de maio. Foram 257 votantes, que deram vitória à chapa Ideiação, com 107 votos. A chapa da Expressão teve 79 votos, houve 71 nulos e nenhum voto em branco. Os sete Alunos da Ideiação tomaram posse em 3 de maio. Já a Diretoria do GREM, representante dos Alunos do 9º EF ao 3º ano do Ensino Médio, teve eleição nos dias 27 e 28 de abril. Os 434 participantes votaram assim: 196 votos para a Chapa Dandara; 221 para a Chapa Tupiniquim; 13 nulos; e 4 votos em branco. Com 16 integrantes, a Tupiniquim foi empossada também em 3 de maio. Parabéns e bom trabalho!



MINIGRÊMIO - 2018

JULIA DE PAULA
ANNA HELENA SAUNDERS
MARIA LUISA ANTUNES
GABRIELA HADDAD
MARIANA LAGE
MARIANA OLIVEIRA



GREF - 2018

PIETRO MICCIONE
ANTONIO PEDRO ARAGÃO
LORENA SCHMIT
SOFIA SCHIMITI
MARINA KLEIN
RAYSSA CARVALHO
MIGUEL ROSSI

GREM - 2018

GUILHERME ROHEN
PATRICK ALMEIDA
LOURENÇO DANTAS
MANUELA CABRAL
JULIANA KELLY
EDUARDO PASSOS
MATIAS SOUZA
NATÁLIA DUNLEY
CLARA MARTINS
MAYA LINCK
CAROLINA POZZI
JOANA BRUM
BERNARDO SAMPAIO
ALICE ALMEIDA
GABRIEL ROSA
LARISSA ROEDE



FOTOS: ARNE LUNO / CSW77, JOÃO OLIVEIRA

"DEFICIENTE"

É aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência de seu destino.

"MUDO"

É aquele que não consegue falar o que sente e se esconde por trás da máscara da hipocrisia.

a chama

PUBLICOU HÁ...

16 ANOS

Em 2006, "Fraternidade e pessoas com deficiência" era o tema da campanha da CNBB. Como sempre, o São Vicente trabalhou o assunto de maneira crítica e criativa. Na Feira de Qualidade de Vida, por exemplo, cartazes feitos pelos Alunos da EJA convidavam à reflexão sobre a maneira como costumamos olhar e rotular as pessoas. Uma oficina da 6ª série possibilitou que os visitantes vivenciassem dificuldades enfrentadas por deficientes visuais e auditivos. E instituições, como o Centro de Vida Independente, foram convidadas a mostrar o trabalho que desenvolvem em prol da autonomia de todos. **A Chama**, é claro, registrou.

"PARALÍTICO"

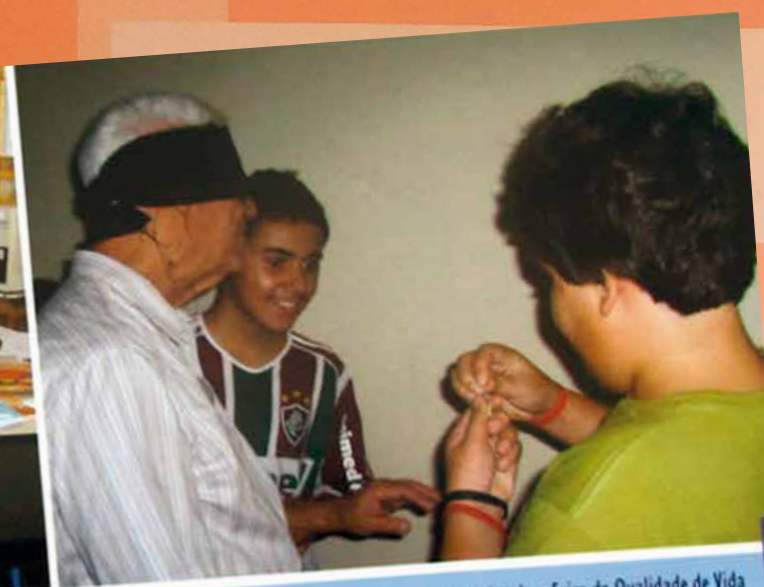
É quem não consegue andar na direção daqueles que precisam de sua ajuda.

"SURDO"

É aquele que não tem tempo de ouvir um desabafo de um amigo, ou o apelo de um irmão. Pois está sempre apressado para o trabalho e quer garantir seus tostões no fim do mês.



Alunos se informam sobre a atuação do Centro de Vida Independente



Atividade sobre deficiência visual na Feira da Qualidade de Vida

CLARICE DE MORAES BRITO



JOÃO LUIZ FERREIRA MARCONDES



TIAGO DE SOUZA MENEZES



VALENTINA RIBEIRO BASTOS MOLETTA

FOTOS PREMIADAS EM 1º LUGAR NO III CONCURSO DE FOTOGRAFIAS PE. LAURO PALÚ - 2016

IV CONCURSO FOTOGRAFICO PE. LAURO PALÚ

TEMA LIVRE

FOTOS FEITAS SOMENTE NO COLÉGIO

CATEGORIAS

- ENSINO FUNDAMENTAL I
- ENSINO FUNDAMENTAL II
- ENSINO MÉDIO
- EJA

INSCRIÇÕES DE 5 DE MAIO A 30 DE JULHO

PRÊMIAÇÃO NA FEIRA DE CULTURA E
COMPROMISSO SOCIAL - 29 DE SETEMBRO

3 PRÊMIOS POR CATEGORIA

VALES-PRESENTES DA LIVRARIA SARAIVA
R\$650 / R\$ 450 / R\$ 350 POR CATEGORIA

MAIS UMA CÂMERA NIKON COOLPIX L820
PARA A FOTO MAIS "CURTIDA" NA PÁGINA
DO CONCURSO NO FACEBOOK



ORGANIZADO PELA
ASSOCIAÇÃO DE
PAIS E MESTRES



COLÉGIO
SÃO VICENTE DE PAULO